

# APONTAMENTOS PARA A BIOGRAFIA MORAL E INTELECTUAL DE MANUEL DE ARAÚJO PORTO ALEGRE NO *NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO*

VANIA PINHEIRO CHAVES\*

## RESUMO

Este artigo visa retirar do esquecimento o perfil intelectual e moral de Araújo Porto Alegre publicado a seguir ao seu falecimento no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, cujo interesse decorre não só da possibilidade de ter sido a primeira tentativa de escrita da sua biografia e uma manifestação pioneira da recepção do *Colombo*, mas também de o artigo ter sido publicado em Portugal, por António Xavier Rodrigues Cordeiro que, em Lisboa, privou com o pintor-poeta gaúcho e obteve, através dele e do círculo de amigos de ambos, informações a que os pósteros não tiveram acesso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manuel Araújo Porto Alegre. Biografia. Obras. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

## ABSTRACT

This article aims to remove from oblivion the intellectual and moral profile of Araújo Porto Alegre published after his death in the *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, whose interest stems not only from the possibility of having been the first attempt to write his biography and a pioneer manifestation of the reception of *Colombo*, but also of the article having been published in Portugal by António Xavier Rodrigues Cordeiro, who in Lisbon deprived with the gaucho painter-poet and obtained through him and his circle of friends, information that since then no one else had access to.

**KEYWORDS:** Manuel Araújo Porto Alegre. Biography. Works. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade de Lisboa. Professora Associada aposentada da Universidade de Lisboa. Pesquisadora e Coordenadora do Grupo de Investigação 6 (Brasil-Portugal: cultura, literatura, memória) do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL). E-mail: [vaniachaves@netcabo.pt](mailto:vaniachaves@netcabo.pt)

O ensaio “Barão de Santo Ângelo (Manuel de Araújo Porto Alegre)” que aqui se reedita apareceu no volume do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1884*. Este famoso e longo anuário – criado em 1850, por Alexandre Magno de Castilho<sup>1</sup> – assumiu como um dos seus principais objetivos o estreitamento das relações luso-brasileiras. Claramente posicionado na defesa da história e da cultura comum de Portugal e do Brasil, Castilho se interessou, desde logo, por assuntos e colaboradores brasileiros, aos quais ofereceu facilidades para o envio de textos a Portugal<sup>2</sup>.

Datam também dos primeiros números artigos sobre figuras marcantes da história e da cultura, sobretudo luso-brasileira. Além de exaltarem, escritores canônicos portugueses e de contribuírem para a canonização dos coevos, todos os editores do *Almanaque de Lembranças* distinguiram os autores brasileiros. Especial relevância têm os longos artigos de natureza biográfica e crítica que passaram a abrir o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* a partir do volume para o ano de 1872. Neste conjunto, que soma sessenta e três elogios biográfico-críticos<sup>3</sup> de escritores, artistas, intelectuais portugueses e brasileiros, em geral recentemente falecidos, são dezoito os perfis de brasileiros, o que não se ficou a dever somente à dificuldade de obter informações, embora não seja de descartar este problema, apontado pelo criador desta seção<sup>4</sup>. Também o autor do artigo sobre Machado de Assis lamenta que “Portugal, por um desleixo inexplicável, com um desinteresse censurável, desconhe[ça], ignor[e], quase por completo, a vida literária do Brasil

---

<sup>1</sup> Seu primeiro título foi *Almanaque de Lembranças*, logo substituído por *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

<sup>2</sup> Em alguns deles se diz: “Os artigos que de qualquer ponto do Brasil nos hajam de ser mandados, poderão sobrescritar-se ao *Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha*, no Rio de Janeiro, por quem, pronta e obsequiosamente, nos serão remetidos” (*ALLB* 1860: 4).

<sup>3</sup> Título dado a alguns artigos desse conjunto e o que melhor corresponde às suas matérias.

<sup>4</sup> No artigo que escreveu sobre Castro Alves, Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro confessa: “Não sabemos o dia em que o poeta nasceu. Custa dizê-lo, mas ao encetar este esboço biográfico nunca nos vimos tão pobres de elementos para o levar ao fim, como este ano. [...] pedimos o retrato, o *fac-simile*, versos, apontamentos biográficos, tudo o que nos pudesse servir, ou fosse conducente para levar a cabo o nosso propósito, e nada! Ou as nossas cartas não chegaram ao seu destino, ou se perderam as respostas que tiveram. (*NALLB* para 1882: VII).

moderno” (*NALLB* para 1910: 5).

Deve-se, no entanto, ao próprio Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro o contributo mais relevante da nova seção para minorar esse desconhecimento, uma vez que compôs sete perfis de brasileiros, publicados na seguinte ordem: Gonçalves Dias (1873), Álvares de Azevedo (1878), Castro Alves (1882), Araújo Porto Alegre (1884), Gonçalves Crespo (1885), Fagundes Varela (1887) e José Bonifácio de Andrada e Silva (1890)<sup>5</sup>. Dando notoriedade a tais poetas, o editor e escritor português obedecia não só ao ideário do fundador do almanaque, mas também ao desígnio de colocar a literatura no centro da sua existência<sup>6</sup>.

O ensaio sobre Araújo Porto Alegre – Barão de Santo Ângelo –, que Cordeiro publica pouco depois do falecimento do escritor gaúcho, totaliza vinte páginas. Com extensão muito superior a de outras matérias de natureza semelhante colocadas no interior da coletânea, o texto apresenta sete partes e um anexo constituído por três cartas. Na primeira parte, o autor visualiza na fotografia de Araújo Porto Alegre, editada na folha de anterosto do anuário, a cabeça leonina que, em seu entender, revela “um homem de antes quebrar que torcer, de grandes afeições e grandes virtudes, um adorador da natureza, ora desvairado pela paixão das belas-artes, ora embriagado pelo amor da poesia” (*NALLB* 1884: V). Nas demais – excetuada a sexta parte em que é comentado o poema *Colombo* – constrói-se um panegírico do homenageado com as características referidas, a que se juntam seus êxitos, seus desenganos e os sofrimentos que lhe causaram ingratos e invejosos.

Da infância e juventude de Manuel Araújo em Rio Pardo, são mencionados apenas a perda do pai e do padrasto, os estudos, a dedicação ao desenho e à pintura culminando na necessidade de mudança para o Rio de Janeiro; dos primeiros tempos na Corte, o

---

<sup>5</sup> A publicação dos artigos sobre Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, cujas datas de falecimento se distanciam invulgarmente do momento em que os textos foram editados, sugere que a sua escolha se deveu não só à almejada luso-brasilidade da coletânea, mas também ao particular interesse do autor pelos poetas românticos brasileiros.

<sup>6</sup> Bacharel em Direito, jornalista, político com atuação relevante e poeta de linhagem ultrarromântica, Rodrigues Cordeiro (Celorico da Beira, 1819-1896) disseminou a sua produção literária e crítica por diversos periódicos. Suas crônicas históricas foram posteriormente coligidas em *Leituras ao serão*, sendo, por sua vez, reunidas, nos dois volumes de *Esparsas*, as suas composições poéticas.

relacionamento com Debret, a formação acadêmica, os prêmios, a bolsa de estudos na Europa que, oferecida por D. Pedro I e inviabilizada pela Abdicação do imperador, se concretizou graças à generosidade de alguns amigos; dos cinco anos passados na Europa, onde Porto Alegre completa a sua formação, privilegiam-se os êxitos, as viagens, o convívio com músicos, pintores, escultores e outros homens notáveis – o que considera ter aberto novos horizontes à sua inteligência –, mas assinalam-se também seus infortúnios e privações.

Atento aos continuados revezes da sorte do biografado, Cordeiro aponta as numerosas realizações que o país ficou a dever-lhe e as frustrações que afetaram o seu regresso ao Brasil. Entendendo que Porto Alegre preferia a pobreza ao aviltamento, o seu abandono da pintura a óleo é explicado como consequência da falsa acusação de que não era seu o quadro que compôs para a Exposição do Rio de Janeiro e a sua demissão da direção da Academia de Belas Artes é atribuída ao fato de o Marquês de Olinda ter nomeado um cenógrafo quase analfabeto para a cadeira de pintura histórica. Pondera-se enfim que tais desgostos o levaram a deixar o Brasil e a desempenhar funções diplomáticas no Estrangeiro, entre as quais a de Cônsul Geral, em Portugal, onde faleceu.

Em Lisboa, o Barão de Santo Ângelo terá certamente convivido com Rodrigues Cordeiro, que teve acesso às cartas que o primeiro endereçou a um amigo comum e que o segundo publicou, como já foi referido, em anexo ao seu texto por considerá-las “fotografia moral de quem as escreve”.

A encomiástica síntese da vida Manuel Araújo Porto Alegre é acompanhada por não menos enaltecedor comentário de *Colombo*, considerado por Cordeiro a obra prima do escritor gaúcho e, no seu gênero, a mais notável escrita neste século por um brasileiro. O crítico julga que a descoberta do Novo Mundo e o “herói” que a levou a cabo, realizando “um dos maiores cometimentos dos tempos modernos”, são matérias adequadas para um poema épico. Embora lhe pareça que a extensão do *Colombo*, os quadros alheios ao assunto, certa metafísica e um dizer algo difuso o poema tornem por vezes pesado, aprecia a grandeza do seu plano, a erudição e a harmonia dos versos.

Para que o leitor concorde com ele, Cordeiro transcreve e elogia diversas passagens do poema. Ao louvar a descrição que Porto Alegre faz da musa da poesia, gaba a propriedade de termos e a suavidade dos versos, afirmando que “só Bocage adjetivava

assim”. Aplauda a descrição do vulto do Conde D. Henrique entrevisto por Colombo, a da beleza da mulher em que o espírito das trevas se transformara para seduzir aquele navegador e a da inveja, de que o próprio poeta tantas vezes teria sido vítima. E conclui afirmando que esta “obra de Porto Alegre conquistou um lugar de honra entre as suas congêneres e, enquanto durar a língua portuguesa, há de ela ser lida por quantos tiverem alma capaz de sentir e de apreciar o que é belo” (NALLB 1884: XXI).

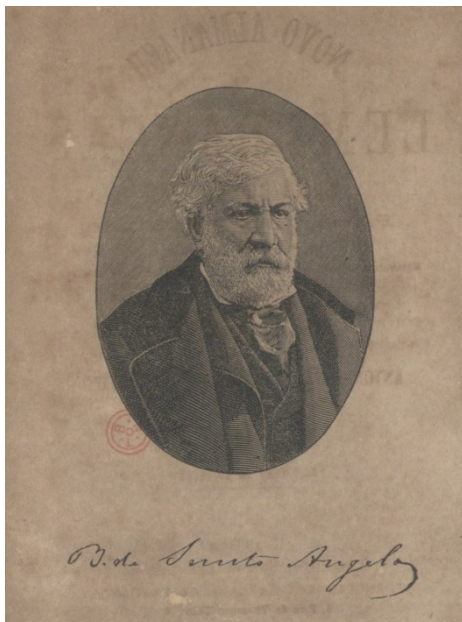
Por este breve apanhado percebe-se que Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro não pretendeu relatar todas as vivências de Araújo Porto Alegre, nem apresentar toda a sua obra pictórica e literária, mas sim exaltar a sua figura humana e os seus talentos. Não diferindo de José Maria da Costa e Silva que, nos dez volumes do *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses* (1850-1856), produziu, como indicia o título da sua obra, uma crítica essencialmente biografista, Cordeiro produziu uma crítica biografista, subjetiva e impressionista, tendo construído um perfil romântico e altamente meritório do Barão de Santo Ângelo. Cabe, todavia, reconhecer que o ensaísta – como muitos de seus contemporâneos e predecessores, hoje praticamente desconhecidos – contribuiu com elementos de investigação e de análise estética para o conhecimento atual da pintura e da literatura do Brasil.

Valorizado no pórtico do volume para 1884 do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, o artigo de Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro sobre Manuel de Araújo Porto Alegre constitui um marco importante da fortuna crítica pintor e poeta gaúcho, pois atingiu vasto público, quer em Portugal e nas suas Colônias, quer no Brasil e noutros espaços onde aquele anuário circulava. O juízo altamente favorável enunciado terá, sem dúvida, repercutido positivamente na recepção do artista e escritor brasileiro, contribuindo para a sua canonização na história da pintura e da literatura do Brasil. O perfil biográfico desenhado pelo escritor português constitui provavelmente o primeiro esboço de uma biografia intelectual e psicológica do poeta e pintor gaúcho.

De inegável importância histórica, este documento, além de revelar aspectos pouco conhecidos da vida Manuel de Araújo Porto Alegre, constrói um dos raros comentários elogiosos do seu poema épico. Inscrito num subgênero peculiar dos textos literários, ajuda ainda a entender o processo de canonização de que o escritor gaúcho foi objeto, mas não explica o seu apagamento na memória literária dos portugueses e, em certa medida, também na dos brasileiros.

[*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1884.  
Lisboa: Lallement Frères Typ., 1883: V-XXIV]

Imagem 1<sup>7</sup>



**Barão de Santo Ângelo**  
(Manuel de Araújo Porto Alegre)

[I]

Há cabeças leoninas. Era deste número a de Manuel de Araújo Porto Alegre, Barão de Santo Ângelo. Olhai para o seu retrato<sup>8</sup>. Assim era, por exemplo, a de Mirabeau<sup>9</sup> e a de Luís

---

<sup>7</sup> Cópia da imagem publicada na folha de anterrosto do *NALLB* para 1884.

<sup>8</sup> O retrato referido por Rodrigues Cordeiro precede aqui o seu texto.

<sup>9</sup> Honoré-Gabriel Riqueti (1749-1791), Conde de Mirabeau, revolucionário, escritor, jornalista e diplomata francês.

Veillot<sup>10</sup>; assim é a de Victor Hugo<sup>11</sup>. Atentai nessas fronte aureoladas por uma espécie de juba que no rei dos animais simboliza a soberania da força e que, no homem, ou revela que ele era o raio da tribuna, dominando, com a masculinidade da sua voz e a energia dos seus gestos, a onipotência das assembleias; ou diz que era o lutador que escrevia com estilete de bronze, arcando peito a peito contra os seus adversários e vencendo-os muitas vezes pela força da dialética, deixando, por padrão da sua audácia e da sua linguagem, um monumento como deixou Bossuet<sup>12</sup>; ou ensina que ele é o Nestor<sup>13</sup> da poesia, o atleta, o semideus da palavra, que tem assistido, como os imortais, à deificação de si mesmo; ou revela, em suma, no Barão de Santo Ângelo que ele era um homem de antes quebrar que torcer, de grandes afeições e grandes virtudes, um adorador da natureza, ora desvairado pela paixão das belas-artes, ora embriagado pelo amor da poesia. Vejamo-lo.

Poucos homens foram mais curtidos de desenganos ou foram vítimas, como ele em pouco tempo, do fel da ingratidão e da peçonha da inveja; poucos provaram também, como ele, os vaivéns da sorte, ora experimentando os sorrisos da inconstante fortuna, ora penando aos rigores duma vida agitada.

Manuel de Araújo Porto Alegre nasceu na cidade do Rio Pardo, na Província do Rio Grande do Sul, a 29 de novembro de 1806, filho legítimo de Francisco José de Araújo, negociante, e de D. Francisca Antônia Viana, filha de outro negociante. Perdeu o pai aos cinco anos, sua mãe contraiu segundas núpcias, e foi seu padrasto Antônio José Teixeira de Macedo, também dedicado ao comércio, quem o mandou educar conforme os recursos do tempo. Perdeu este segundo protetor aos doze anos, mas a carreira estava aberta. Aprendeu o latim, o francês, a filosofia, a geometria e álgebra com diferentes mestres e, no meio de todos estes labores de instrução, todos os instantes que lhe sobravam empregava-os no estudo das ciências naturais. Era tal esta inclinação que no seu quarto, e ainda não tocava a adolescência, havia um mundozinho de produtos que ele coligia. Outra das suas paixões era o desenho e a pintura.

---

<sup>10</sup> Louis Veillot (1813-1883), escritor, jornalista e intelectual francês.

<sup>11</sup> Victor Hugo (1802-1885), escritor francês com relevante papel na renovação da literatura oitocentista e importante atuação política

<sup>12</sup> Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), bispo e teólogo francês.

<sup>13</sup> Rei de Pilos, exímio guerreiro. Em sentido figurado significa ancião sensato e venerado.

Na idade dos dezesseis anos, tendo feito os estudos que podia fazer em Porto Alegre, quis ter uma profissão e começou a de relojoeiro, como J. Jacques Rousseau<sup>14</sup>. Ajudando o seu mestre, já ele trabalhava na confecção de rodas e carretéis, mas o relojoeiro, vendo que a sua vocação era toda para a pintura, foi o próprio que o aconselhou a segui-la. Mas como? Na cidade não havia senão um retratista e um pintor de decorações. Não importa. Nas poucas horas que era admitido a ver trabalhar aqueles homens, aprendeu o manejo das tintas a óleo. Depois mandou vir do Rio estampas elementares e divertia-se a copiá-las e a imitar paisagens que tirava de alguns esbocetos de Brunswik<sup>15</sup>. Começou a trabalhar igualmente no cenário dum teatro particular. Mas como podia ele dar profundidade a certas vistas? O não conhecer a mínima regra de perspectiva lançava-o em grandes embaraços. Nisto vem-lhe às mãos uma gravura representando o interior duns banhos romanos. Que fundo! Como os objetos se distanciavam! Que perspectiva aquela! Se ele a pudesse imitar, se ele soubesse como aquilo se fazia! De repente começa a notar que certas linhas iam todas convergir a um ponto; põe em cima da gravura duas réguas; encaminha todas as linhas do pavimento e cimalhas; certifica-se e tão contente ficou daquela descoberta que quase desmaiou de contentamento. Não dormiu nessa noite e, logo que rompeu o dia, foi para o teatro fazer a aplicação da sua descoberta. Estava dado o primeiro passo.

Assim começou a lutar, a lutar, a vencer dificuldades, a ganhar mais gosto e, um dia vendo a gravura do desembarque da Imperatriz Leopoldina, soube que o artista que havia produzido aquele trabalho vivia no Rio de Janeiro e chamava-se João Batista Debret<sup>16</sup>. Ai! Se ele pudesse voar ao Rio de Janeiro! Mas como deixar a mãe sozinha, a mãe que ele estremecia; e que meios tinha para isso? Demais tinha já vinte anos e o Presidente da Província<sup>17</sup>,

---

<sup>14</sup> Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo suíço.

<sup>15</sup> Referência provável à cidade de Brunswick (Baixa Saxônia) que, bafejada por ideias iluministas, adquiriu no século XVIII grande importância no plano cultural, atraindo artistas e pensadores.

<sup>16</sup> Jean-Baptiste Debret (1768-1848), pintor francês, que esteve com a Missão Artística Francesa de 1816 no Rio de Janeiro, onde fundou a Academia Imperial de Belas Artes no Brasil.

<sup>17</sup> Trata-se possivelmente de Salvador Maciel que, tendo presidido a Província de Rio Grande, de 4 de novembro de 1826 a 2 de agosto de 1829, ocupava esse cargo

incluindo-o no recrutamento, fez-lhe assentar praça no Regimento de Dragões de Rio Pardo. Fora uma vingança. Porto Alegre, amante do belo, tinha tido a audácia de formular uma lista das meninas feias da cidade e havia posto à frente de todas a filha mais velha do Capitão-Mor João Tomás Coelho. Protegeu-o o Visconde de Castro, e pouco tempo depois obteve baixa do serviço.

Este desgosto fez com que sua mãe, que até aí levava com impaciência a ideia de se separar dele, fosse agora a primeira a aconselhar-lhe a sua partida para o Rio de Janeiro. Foi, com algumas dobras<sup>18</sup> no bolso, que tinha ganhado em retratos, e em janeiro de 1827 entrava como discípulo na oficina de Debret.

O elo de amizade, que quase desde logo se estabeleceu entre estes dois homens, tão irmãos pelos dotes da alma, era tal que só a morte o quebrou.

## II

No Rio de Janeiro frequentou os primeiros anos da Escola Militar, a aula de filosofia do Padre Mestre Francisco José Policarpo, a anatomia e a fisiologia com o Dr. Cláudio Luís da Costa, ao mesmo tempo que dissecava no Hospital de Santa Clara para o estudo físico do corpo humano. No estudo das belas-artistas foram tais os seus progressos que em 1830, na primeira exposição pública da Academia, ganhou três prêmios, na pintura, na arquitetura e na escultura. Pedira-lhe seu mestre, o Dr. Cláudio Luís da Costa, um quadro representando D. Pedro I entregando o decreto da reforma da Academia de Medicina ao Corpo Acadêmico. Quando não fosse outro sentimento, a gratidão o levaria a encarregar-se do assunto. Foi durante este trabalho que sucedeu encontrar-se o Imperador com ele e convidá-lo para ir ao Paço de São Cristóvão no dia 12 de outubro, em que fazia anos, porque lhe daria duas audiências, uma cedo, das oito às dez horas, e outra depois de fardado, porque assim o retrataria melhor.

Estava ele na segunda audiência desse dia, quando, dirigindo-se ao artista, lhe diz D. Pedro: – A imperatriz quer este retrato porque o acha o mais parecido de todos. Virás entregar-lho logo que o acabes. Depois farás outro meu, e o dela, e os dos meus

---

quando Araújo Porto Alegre completou 20 anos, no dia 29 de novembro de 1826.

<sup>18</sup> Moeda de ouro com valor de face equivalente a 12.800 réis, utilizada nos séculos XVIII e XIX, em Portugal e nas suas colônias.

filhos; irás levá-los a minha sogra, em Munique, e de lá partirás para a Itália ou para onde melhor te convier estudar e pelo tempo que quiseres, contanto que lá não fiques.

Oh! a Alemanha! a Itália! a glória! que horizontes! que fascinação! Mas o homem põe e Deus dispõe. Os acontecimentos precipitaram-se. O Imperador dizia isto em outubro de 1830; em 7 de abril de 1831 via-se forçado a abdicar em seu filho; e seis dias depois deixava a baía do Rio de Janeiro para nunca mais ali entrar.

Além disso, também o artista esteve às portas da morte com uma prolongada doença. Uma desgraça nunca vem só. Por efeito de se haver emancipado tinha ele recebido, como parte da herança paterna, a quantia de dois contos de réis, que destinava para as despesas da sua viagem à Europa. Debret, o seu mestre e seu amigo, retirava-se para Paris, e ele prometera acompanhá-lo. Achava-se então no Rio de Janeiro um primo de Porto Alegre, José Gonçalves Lopes Ferrugem, a quem ele amava sobre todos os homens, porque o considerara sempre como irmão, desde a mais tenra infância. Este companheiro dos seus verdes anos, este amigo que ele prezava acima de todos, pede-lhe emprestado o dinheiro por alguns dias, enquanto não recebia o que esperava do Rio Grande. Alma crente, o coração aberto a todos os sentimentos generosos, confia-lhe todo o seu tesouro, sem uma segurança, e dias depois sabe que ele havia partido para o Rio Grande, sem duas linhas, sem um adeus, sem lhe deixar um vintém!

Porto Alegre escreve ao detentor, encarrega sua mãe de obter de seu sobrinho aquele dinheiro, empenha os seus amigos e nada alcança. Nesta situação aflitiva todos os seus sonhos de glória se tinham desvanecido, mas nem todas as almas boas o tinham abandonado. O Senador Soledade<sup>19</sup>, condoído da sua sorte, manda-lhe ordem para receber em França 20\$000 réis fortes por mês, como dádiva e como demonstração da sua amizade paternal; Evaristo Ferreira da Veiga<sup>20</sup> arranja-lhe 400\$000 réis por uma subscrição; o Almirante Grivel<sup>21</sup>, a pedido de José Bonifácio de Andrade<sup>22</sup>, dá-lhe passagem gratuita a bordo do navio de guerra

---

<sup>19</sup> Senador Antônio Vieira da Soledade.

<sup>20</sup> Evaristo Ferreira da Veiga e Barros (1799-1837), poeta, político e jornalista.

<sup>21</sup> Trata-se do militar e nobre francês Jean-Baptiste Grivel (1778-1869).

<sup>22</sup> José Antônio Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi um naturalista brasileiro e poeta.

*Durance*. Foi com estes pequenos recursos que ele parte para a Europa e, em 4 de outubro de 1831, entrou em Paris.

Dias depois, estando no *Boulevard des Capucins* parado a ver umas estampas, sentiu uma pancada no ombro. Volta-se, olha e fica atônito ao ver o Duque de Bragança a[o] pé de si:

– O que faz aqui, sr. Araújo? Diz-lhe o príncipe. Pois também emigrou?

– Não, senhor, lhe respondeu Porto Alegre, vim estudar a minha arte e vim com Mr. Debret.

– E como está Debret? Debret é um homem virtuoso.

E depois, como não esperando resposta, concluiu: – Moro na rua de *Pipinière* nº 27 e comigo lá está o seu amigo, o Capitão Bastos.

O artista foi no dia seguinte visitar o Sr. D. Pedro I, que o recebeu alegremente, apresentando-o à Imperatriz e à Rainha de Portugal. Dias antes da partida do Sr. D. Pedro, para dar princípio à epopeia, quase legendária, que havia de eternizar o seu nome, foi o artista despedir-se do ex-Imperador e dos seus amigos e este disse-lhe: – Parto e a Europa saberá do meu destino. Se for feliz e se você quiser ir procurar-me, vá, porque encontrará um amigo. As últimas circunstâncias da minha vida me têm feito conhecer a fundo os homens; se eu os conhecesse como os conheço hoje, não teria abandonado os meus filhos. E as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Diga ao Rocha<sup>23</sup> que ele é um perfeito cavalheiro<sup>24</sup>.

– Ah! Senhor – lhe voltou Porto Alegre, também com os olhos marejados de lágrimas, porque não há nada mais comunicativo do que elas – quem diria, naquele dia que vi Vossa Majestade no Corcovado, que esta cena se passaria agora em Paris?! Quis beijar-lhe a mão, mas D. Pedro não consentiu.

---

<sup>23</sup> José Joaquim da Rocha (1777-1848), defensor da permanência do príncipe D. Pedro no Brasil, recebeu do novo imperador a insígnia da Ordem Imperial do Cruzeiro, em atenção aos serviços prestados ao país, mas com a dissolução da Assembleia Constituinte, em que representava a Província de Minas Gerais, foi deportado para a França. Ter-se-á reconciliado com o antigo imperador no período da Regência Provisória, quando regressou a Paris como Ministro Plenipotenciário do Império.

<sup>24</sup> Nota do almanaque: “O Conselheiro José Joaquim Rocha, então enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil em França.”

### III

Como dissemos, a 4 de outubro de 1831 chegou Porto Alegre a Paris e entrou logo para a escola do Barão Gros<sup>25</sup>. No ano seguinte concorreu à Escola de Belas-Artes e obteve o nº 32, e no imediato, em 1833, no último concurso, a 3ª medalha. E no meio destas conquistas alcançadas como pintor na capital do mundo nunca ele se esqueceu do estudo das matérias que o podiam auxiliar, e tanto que, assistindo uma vez ao curso de anatomia de Mr. Emery<sup>26</sup>, na Escola de Belas-Artes, e não podendo o professor continuar a lição por ter faltado o preparador, oferece-se para o substituir na sua falta o artista brasileiro; aceita a oferta – tratava-se dos músculos da coxa – entra para o recinto anatômico, empunha o escalpelo e disseca tão satisfatoriamente que recebe elogios de todos em plena aula. Este ato, no começo dos seus estudos, elevou-o no conceito dos seus colegas e na estima dos professores. Era um hábil anatômico, mas em parte chegava esta competência a prejudicá-lo no desenho das suas telas. Muitas vezes lhe repetia o Barão de Gros: – *Vous savez trop, et c'est un malheur pour votre dessin; vos figures n'ont pas de peau, sont plutôt unes ecorchés*<sup>27</sup>.

Em Paris sofreu Porto Alegre toda a sorte de privações. Tendo quebrado no Rio de Janeiro o seu correspondente, não só perdeu uns 600\$000 réis que sua mãe lhe mandara, como não recebeu a pequena mesada que lhe estabelecera o Senador Soledade. Reduzido aos seus minguados recursos teve que despedir-se da escola do Barão Gros, porque lhe não podia pagar a mensalidade exigida aos alunos, nem a despesa com o modelo vivo e com a lenha. Chega mesmo a vender livros, relógio e alfinete de peito; e frequenta unicamente a aula de arquitetura de Francisco Debret<sup>28</sup>, porque esta era gratuita.

Mas toda a medalha, diz-se, tem o seu reverso e é uma verdade. A fortuna, quando o via na última extremidade, sorria-se e

---

<sup>25</sup> Trata-se de Antoine-Jean Gros (1771-1835), pintor francês cujas criações prenunciam o estilo romântico.

<sup>26</sup> Dr. Emery, Professor de Anatomia no Hospital de São Luís e na École Royale des Beaux-Arts, em Paris.

<sup>27</sup> No Almanaque: «*ecorchés*».

<sup>28</sup> Trata-se do arquiteto francês François Debret (1777-1850), irmão de Jean-Baptiste Debret.

dava-lhe carinhosa as mãos para o levantar. O Conselheiro Rocha, tendo conhecimento do que lhe acontecera, manda-o chamar, mostra-se sentido de que o não houvesse procurado e ordena-lhe que pedisse o dinheiro de que precisava. Porto Alegre, que se acostumou a viver com pouco, pede unicamente cento e quarenta francos mensais.

Ao mesmo tempo a casa de Francisco Debret, que era membro do Instituto e seu mestre, sendo ao mesmo tempo o primeiro na arte de construir teatros, era um ponto de reunião de músicos, pintores, escultores e outros homens notáveis. Entre os primeiros aí conheceu ele Rossini, Auber, Boieldieu, Cherubine e Paer<sup>29</sup>. Também aí encontrou Garrett<sup>30</sup>. No centro desta sociedade, enciclopédia viva, colheu Porto Alegre ideias gerais das cousas, gosto pelo estudo e mais ainda, dizia ele, esse respeito devido ao verdadeiro mérito, aprendendo no exemplo de tantos homens ilustres a respeitar os homens.

Também por esse tempo chegou a Paris um seu compatriota e seu amigo, Luís de Vasconcelos e, tendo as melhores informações do aproveitamento de Porto Alegre, procurou-o e fez-lhe o oferecimento de vinte mil francos para acabar os seus estudos e ir à Itália, que era o seu ideal. Depois de grandes instâncias aceitou só quatro mil francos, e preparou-se para a jornada. Esta pequena quantia dizia ele que lhe bastava, porque o Conselheiro Rocha, que havia sido transferido para Roma, lhe oferecera a sua casa e a sua mesa naquela cidade.

Efetivamente, no dia 4 de outubro de 1834, partiu para a Itália, levando em sua companhia o seu patricio e amigo Domingos José Gonçalves de Magalhães<sup>31</sup>. Este e o Conselheiro Francisco de Sales Torres Homem foram com Porto Alegre tão unidos pela alma que, ferir um, era ferir os três enquanto viveram. Nuns versos que Magalhães lhe tinha dedicado, dias antes, lhe dizia ele:

---

<sup>29</sup> Gioachino Rossini (1792-1868); Daniel François Auber (1782-1871); Adrien Boieldieu (1775-1834); Luigi Cherubini (1760-1842) e Ferdinando Paer (1771-1839).

<sup>30</sup> João Batista Leitão de Almeida Garrett (1799-1854), um dos mais renomados escritores portugueses do Romantismo, com importante atuação na sociedade e na política do seu tempo.

<sup>31</sup> Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) é considerado o introdutor do Romantismo no Brasil, tendo fundado em 1836, em parceria com Araújo Porto Alegre e Torres Homem, a revista *Niterói*, marco inicial da nova "escola".

Não posso duvidar, nem tu duvidas.  
Há uma estrela que ao porvir nos guia  
Mau grado as ondas de inconstante mundo.<sup>32</sup>

Era um vaticínio. Quem lhes diria que um, que então ia escrever os *Suspiros poéticos*<sup>33</sup>, enriqueceria depois a literatura brasileira com um poema *A confederação dos Tamoios*<sup>34</sup>? Quem diria ao outro que, corridos vinte e quatro anos, pondo de parte o pincel e as tintas, teria imortalizado o seu nome com o poema *Colombo*<sup>35</sup>?

Lá vai para Itália o nosso artista. Pouco se demorou, porque um ano depois, pouco mais, fugindo da cólera que aparecera em Veneza e Turim, estava de novo em Paris, mas viu Genebra, subiu o Simplon<sup>36</sup>, esteve em Bolonha, Parma, Placência, Pisa, Viena, Leorne<sup>37</sup>, Luca, Pistoia; viu Arezzo, Perúgia, e deteve-se em Roma para estudar; Roma, a cuja vista exclama o seu companheiro Magalhães:

É Roma! É Roma! É a cidade eterna  
Lá sobre a catedral do cristão mundo  
De Buonarotti o gênio se levanta,  
Prodígio d'arte, maravilha humana,  
Consagrada a Deus vivo.<sup>38</sup>

#### IV

Novos horizontes se tinham aberto à inteligência de Porto Alegre. Dizia ele que fora a realidade dum sonho e a melhor quadra da sua vida, porque fizera a leitura do grande livro das obras de Deus e dos homens.

---

<sup>32</sup> Primeiros versos do poema “Adeus ao meu amigo M. de Araújo Porto Alegre”, publicado em *Suspiros poéticos e Saudades*.

<sup>33</sup> *Suspiros poéticos e Saudades* (1836) é apontada como a primeira coletânea brasileira de poesia romântica.

<sup>34</sup> *A confederação dos Tamoios* (1856), poema com que Gonçalves de Magalhães tentou criar a epopeia nacional brasileira, marco da autonomia política e estética do Brasil.

<sup>35</sup> *Colombo* (1866), poema épico constituído por 40 cantos, tendo como fulcro o descobrimento da América, protagonizado por Cristóvão Colombo.

<sup>36</sup> Um dos picos mais altos dos Alpes, situado entre a Suíça e a Itália.

<sup>37</sup> Porto italiano da região da Toscana.

<sup>38</sup> Versos iniciais do poema “A vista de Roma”, publicado em *Suspiros poéticos e Saudades*.

Em Roma pintou um Cristo no momento do *Consummatum est*, iluminado por um raio que caía no templo e tendo no fundo a vista de Jerusalém, segundo os escritos que consultou, para o que se havia habilitado no curso de arqueologia do célebre antiquário Nibby<sup>39</sup>, que frequentava com assiduidade.

Voltando a Paris não descansa, e o seu mérito já o faz conhecido. Mr. Michaud, o ilustre autor da *História das Cruzadas* e então presidente do Instituto Histórico, convida-o para ler no Congresso Europeu uma memória em que se comparasse a arte antiga com a moderna; e pelo mesmo é também nomeado para a comissão que devia dar parecer sobre a exposição geral do Louvre.

Dividiu também o seu tempo em visitar Londres e Bruxelas, onde se demorou um inverno, mas nisto chega-lhe a notícia da revolta do Rio Grande do Sul<sup>40</sup>, lembra-se da situação em que se acharia a sua velha mãe e não hesita um momento, embarca para a América, donde tinha saído havia cerca de cinco anos e meio.

Ao entrar na barra do Rio de Janeiro em 14 de maio de 1837 soube logo que três dos seus melhores amigos haviam falecido: Evaristo Ferreira da Veiga<sup>41</sup>, o Senador Soledade<sup>42</sup> e o Bispo do Rio de Janeiro. Pisando a terra da pátria esperavam-no as lágrimas. Manda logo buscar sua mãe e estabelece-se. No ano seguinte, em 14 de outubro de 1838, casa-se com a Exma. Sra. D. Ana Paulina Delamare, filha do professor Delamare. As duas testemunhas deste casamento, em que teve a ventura de encontrar uma esposa virtuosa, foram os seus amigos Magalhães e Sales Torres Homem. Começara para ele a vida de família, mas tão cortada de desgostos que estes quase logo lhe azedaram a lua-de-mel.

Estando próxima a Exposição do Rio de Janeiro<sup>43</sup> e querendo concorrer a ela, compôs e esboçou o nosso artista um quadro representando Hércules na fogueira. Faltavam-lhe os últimos

---

<sup>39</sup> Antonio Nibby (1792-1839), arqueólogo italiano.

<sup>40</sup> Trata-se certamente da Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha, que eclodiu em setembro de 1835, estendendo-se até 1845.

<sup>41</sup> Poeta, livreiro, político e jornalista, Evaristo Ferreira da Veiga e Barros (1799-1837), mais conhecido como Evaristo da Veiga destacou-se pela sua atuação na imprensa, sendo lembrado também pela autoria da letra do Hino da Independência.

<sup>42</sup> Antônio Vieira da Soledade (?-1836), sacerdote e político brasileiro, governou a Província do Rio Grande, de 2 de agosto a 17 de novembro de 1829.

<sup>43</sup> Referência talvez à 1ª Exposição Geral de Belas Artes realizada no Rio de Janeiro, em 1840.

toques, por assim dizer, e já o diretor da Academia, Mr. Taunay<sup>44</sup>, mestre do Imperador, espalhava que a obra não era dele, o que chegou a acreditar-se na Corte.

Foi necessário que Porto Alegre escrevesse pelo *Mercantil* uma carta a Mr. Taunay, emprazando-o a repetir pela imprensa que o quadro não era dele e que este se visse obrigado a responder – que talvez o tivesse dito, como geralmente se dizia, mas que agora ficava acreditando no contrário –, para que a má impressão se desvanecesse no público.

Em todo o caso o arco tinha despedido a envenenada frecha e a calúnia, no dizer dum crítico italiano, é como o carvão, quando não queima sempre enegrece.

Para desafogo escreveu uma poesia – “A calúnia” –, onde se leem estes sentidos versos:

Que importa à Calúnia que a honra feneça  
Se aplaca o seu ódio, se sente delícias?  
Que importa à Calúnia urdir mil sevícias?  
Que importa a seus olhos que o justo pereça?

Foi também por esta ocasião que um ingrato, a quem ele tinha por vezes acudido na desgraça, abrindo-lhe a sua bolsa e dando-lhe os últimos reais para o socorrer, esquecendo tudo e pondo-se ao lado dos seus êmulos e dos seus invejosos, o expôs à irrisão em caricatura, na praça pública.

Era demais. Porto Alegre<sup>45</sup>, que já então era pintor da Real Câmara, não tinha, além do seu trabalho manual, outros recursos senão o mesquinho ordenado de 800\$000 anuais que fruía como membro da Academia, para que tinha sido nomeado por influência do Senador Paula Sousa<sup>46</sup>, pouco depois do regresso ao Rio de Janeiro. Pois apesar disso, entendeu que não podia permanecer em tal sociedade e, achando-se vago o lugar de substituto de desenho da Escola Militar, pediu para ser provido naquela cadeira. Foi-lhe concedido, e deixou a Academia.

---

<sup>44</sup> Félix Émile Taunay (1795-1881), pintor francês e mestre na Academia Imperial de Belas Artes do Brasil, foi, em 1871, reconfirmado como 2º Barão de Taunay.

<sup>45</sup> No *Almanaque* está “Magalhães”, que o autor terá escrito por lapso, uma vez que a frase se refere a Manuel de Araújo Porto Alegre.

<sup>46</sup> Francisco de Paula Sousa e Melo foi deputado-geral nas três primeiras legislaturas, senador (de 1833 a 1854) e primeiro-ministro do Império do Brasil em 1848.

Deixou também a pintura a óleo. Sentia que lhe faltavam as forças e o ânimo depois do que se tinha passado e, trabalhando já a esse tempo no seu poema da descoberta da América – *Colombo* –, abre nele um como parêntesis em que solta o canto magoado da despedida. Aí diz ele:

Ameigada nas asas ilusórias  
Do belo instinto de formoso adejo;  
Os olhos fitos no clarão da glória,  
Em meu ser te infundiste, alma pintura,  
Lira em que a luz desfere altos concertos.  
Três lustros de labor, de riso e de ânsias  
E a fé, virgínia fé de um peito ardente,  
E o nobre almejo, e o generoso impulso,

Tudo, tudo perdi!... É meu presente  
O arcabouço mirrado da beleza;  
Álveo de um rio que o vulcão secara;  
Trilho perdido por cerrada mata;  
Astro combusto; um desengano horrível!...  
Já não tenho palheta, odeio a tela,  
Painel de mágoas que me corta a vida!<sup>47</sup>

Depois<sup>48</sup> volta-se para a poesia, onde encontra um asilo e um refúgio, onde não vingarão os ardis do engano, nem se ouvirá o sibilar da serpente, e consola-se, dizendo:

Fonte d'alma esperança, éter divino,  
Grêmio de criação, asilo eterno  
Da celeste harmonia e dos arcanos  
Patentes ao mortal, por Deus ungido  
Ao ver a luz do sol, a ti me volto.  
Em teu sereno abrigo não recruzam  
Infidos ecos de paixões terrenas.  
Ave canora, vou cantar no espaço,  
No livre espaço da mansão sidéria,  
Lá onde não se escuta entre descantes  
Sibilar a serpente; onde meus hinos,  
Como os olhos da infância à luz propensos,  
Do céu d'amor, tranquilos, sobre a pátria

---

<sup>47</sup> Fragmento pertencente ao Canto VII do *Colombo*.

<sup>48</sup> Na verdade, os versos citados a seguir antecedem os anteriormente transcritos.

Um dia descerão, sem que os retrinque  
Ardilosa falácia, ou vil ciúme.<sup>49</sup>

Correram anos e, sendo pelo Imperador encarregado de propor a reforma radical da Academia de Belas-Artes, foi depois nomeado diretor, em 1854. Mas ainda desta vez, porque o Marquês de Olinda<sup>50</sup> nomeou um cenógrafo quase analfabeto para a primeira cadeira daquele estabelecimento (pintura histórica) e levou por diante, não reconsiderando a nomeação, Porto Alegre, que, quando se via desconsiderado, sacrificava à sua dignidade todos os seus interesses, preferindo a pobreza ao aviltamento, oficiou ao Ministro do Império demitindo-se.

O Imperador não queria de modo nenhum que se lhe aceitasse a demissão, mas ele declarou-lhe que já não tinha força moral e que nem o seu brio podia suportar aquela desfeita do ministro.

A Academia de Belas-Artes mandou uma deputação protestar-lhe o seu pesar e manifestar-lhe o seu reconhecimento pelos serviços de que lhe era devedora. O mesmo fez o Conservatório Dramático, significando-lhe a falta que a todas as artes fazia um tão zeloso, um tão prudente diretor e amigo.

Isto foi em setembro de 1857.

Depois deste desgosto veio logo outro: que foi pedir a sua jubilação com nova quebra dos seus recursos, porque na reforma da Escola Militar o tinham feito passar para categoria inferior. Porto Alegre não olhava a conveniências pessoais e para coonestar os seus atos de independência tinha por princípio esta máxima: “Uma exoneração voluntária é quase sempre um protesto contra a violação do direito”.

## V

Vinte anos decorridos desde que voltara à pátria, amestrado pela experiência, pelo estudo e pelo que tinha visto nos países mais cultos da Europa, o que devia a capital do Império a Porto Alegre?

Devia-lhe:

---

<sup>49</sup> Fragmento pertencente também ao Canto VII do *Colombo*.

<sup>50</sup> Pedro de Araújo Lima (1793-1870), Marquês de Olinda, foi regente e primeiro ministro do Império do Brasil.

Todas as inovações que introduziu no cenário e o uso dos atores se vestirem a caráter nas peças de teatro, porque antes dele nada disto se fazia.

Os trabalhos do Paço para as festas imperiais da aclamação, sagração e casamento do Sr. D. Pedro II.

O risco do Banco do Brasil, um dos melhores edifícios da Corte; um teatro para São Sebastião e o mercado para Niterói; a capela de Nossa Senhora das Neves e outros trabalhos como arquiteto.

A Carta Geral do Rio de Janeiro, a criação de escolas industriais para a educação de operários e mil benefícios à cidade por ocasião de ser chamado à Câmara como vereador suplente.

Organização de estudos; aulas de desenho geométrico, teoria de sombras e perspectiva; criação duma biblioteca e outros serviços às artes.

Biografias, memórias históricas e elogios dos sócios falecidos, como orador do Instituto durante catorze anos.

Diferentes peças para o teatro, das quais algumas estão impressas e a maior parte inéditas. São de sua composição: *O espião de Bonaparte*; *O sapateiro político*; *O tutor de Parati*; *A estátua amazônica*; *Angélica e Firmino*; *O dinheiro é saúde*; *Os Judas*, todas comédias; *Os ourives*, drama. *A noite de São João* e *A Restauração de Pernambuco*, operetas líricas.

A colaboração ativa no *Jornal dos Debates*, *Minerva Brasileira*, *Guanabara*, *Reforma*, e outras folhas, algumas das quais fundara.

Dera impulso à pintura. Estudara, idealizara, planeara e estava a escrever o poema da descoberta da América – *Colombo* – de que já se haviam publicado fragmentos nas revistas literárias.

Aqui está uma amostra do que tinha feito nos vinte anos que vão desde o seu regresso à pátria até que se demitiu da Academia e se jubilou na Escola Militar.

Deixara a pintura a óleo, porque se não sentia com forças para a continuar; olhava em roda de si e não via em que ocupar a sua atividade; vivia na pátria como um estrangeiro; e, ralado, desgostoso, lançando uma vista retrospectiva sobre o passado o que encontrava? As suas esperanças desvanecidas, as suas ambições apagadas, desfeitos os seus sonhos de glória.

Foi neste desalento de alma que raiou o ano de 1858 e ele, sabendo que se tratava de nomear um cônsul ou agente comercial para a Turquia, escrevia a Sousa Franco<sup>51</sup>, um membro do governo dizendo-lhe:

Acho-me reduzido a 160\$000 réis por mês, com cinquenta e um anos de idade, com minha mãe cega, com uma filha paralítica, com quatro filhos que educar e com uma saúde alterada pelas contrariedades da minha vida, e pela natureza da minha constituição fisiológica.

Tenho servido ao Imperador, ao governo e ao país com lealdade e desinteresse, e do Imperador não tenho queixa.

Tenho sofrido por ser leal e por ser amigo.

Ainda não postulei uma só graça ao governo; até hoje tenho cumprido ordens, e até sacrificado o meu bem-estar moral.

Para coroar o meu patriotismo preparo, e está quase concluído, um poema que, se não tem o mérito literário, tem o artístico, porque é uma obra original no seu plano. Fiz um poema, porque Deus não me deu cabedal para outro livro; fi-lo para obedecer a uma lei da natureza.

V. Ex<sup>a</sup> sabe que num poema também se edifica o futuro, enobrecendo-se o coração da mocidade, preparando-se os ânimos para o amor do belo, da pátria e do heroísmo, a mais pura de todas as virtudes.

Desejo concluir esta obra e para isto preciso de descanso eterno, de deixar a vida material e as contrariedades que levo.

Restam-me poucos anos para o fogo sagrado e esses poucos desejava aplicá-los neste empenho. O governo tem de nomear um agente comercial para a Turquia e eu desejo ser este agente.

Esta carta não chegou a ser enviada ao seu destinatário, porque o seu autor soube depois de escrevê-la que já estava provido, e em amigo seu, o lugar de cônsul da Turquia.

Entretanto, apesar de ser em junho de 1858 nomeado diretor das obras da alfândega, era propósito de Porto Alegre não permanecer no Rio de Janeiro e sair logo que se lhe oferecesse ocasião. Se ele se tivesse envolvido na política, se o seu voto e o seu incontestável talento pesassem na balança das discussões, se tivesse um jornal, um bota-fogo, onde, em lugar de discutir literatura

---

<sup>51</sup> Certamente Bernardo de Sousa Franco (1805-1875), Visconde de Sousa Franco, jornalista, magistrado e político brasileiro.

e arqueologia, escrevesse panfletos e criticasse o governo, fácil lhe seria alcançar o lugar que apeteceesse.

Ainda assim, ao lado dos inimigos e invejosos que o guerreavam, alguns amigos se erguiam a defendê-lo, e foram esses, se é que não bastou a provada integridade do seu caráter, que lhe obtiveram nos primeiros meses de 1859 a nomeação de cônsul geral para Berlim.

Enquanto ele faz a sua viagem do Rio de Janeiro a Berlim, fazendo escala por Lisboa onde se demora, apresentemos o poeta aos nossos leitores.

## VI

Como poeta, a obra-prima de Porto Alegre é o seu poema *Colombo*; e não é só a obra-prima dele, é também, no seu gênero, a obra mais notável, escrita neste século por um brasileiro.

Com razão diz Edgar Quinet<sup>52</sup> que as revoluções políticas e morais, que, mudando o sistema do mundo, parecem produzidas pela ação direta de Deus, são verdadeiramente épicas.

Na epopeia, diz ainda o mesmo crítico, é necessário que o herói pertença à humanidade pelas aparências corpóreas, mas que seja sobre-humano pelo gênio e pelo destino.

Em qualquer das hipóteses, a descoberta do Novo Mundo, nos fins do século XV, e o herói que a levou a cabo, realizando um dos maiores cometimentos dos tempos modernos, estão na altura de ser o argumento dum poema épico.

Responde a obra de Porto Alegre em tudo e por tudo às exigências de tão ambicioso assunto? Não o afirmamos. Que fez ele dos vinte aos quarenta e dois anos, em que começou a escrever o seu poema? Estudou escultura, arquitetura, matemática, fisiologia, anatomia, tudo o que pudesse concorrer para o aperfeiçoar no estudo que ele, como pintor, apreciava e punha acima de todos.

Se nestes vinte e dois anos, com a seiva da mocidade, com o entusiasmo com que via os quadros da natureza e ouvia os acordes da música, ele se tivesse feito na leitura dos poetas e não quisesse ser senão poeta, se ele seguisse a estrada que trilhara o amigo de quem dizia:

---

<sup>52</sup> Edgar Quinet (1803-1875), intelectual e historiador francês, opositor de Napoleão III, contra quem escreveu numerosos panfletos.

É sua alma a minha alma; o mesmo molde  
Formulou-as no céu, gêmeas nasceram,  
No amor e na amizade...

se seguisse os passos de Domingos José Gonçalves de Magalhães, que poema nos não daria quando, amadurecido na idade e no estudo dos bons modelos, nos quisesse dar um *Colombo*?

A obra de Porto Alegre começa por ter um prólogo e quarenta cantos com perto de vinte e dois mil e quatrocentos versos, mais do dobro de *Os Lusíadas*, que não chegam a ter nove mil; tem extensões e ampliações que a tornam talvez um pouco pesada; desenvolve quadros, que podem considerar-se alheios ao assunto ou que o assunto dispensava; é muitas vezes um pouco metafísica e difusa no dizer, mas a par destes defeitos, que grandeza de plano, que talento, que erudição e que harmonia de versos!

Ides julgá-lo. A maruja, aterrada, na presença duma horrível tempestade, grita, ora deprecando, ora acusando Colombo, que pela sua temeridade os expõe àqueles perigos.

“Fujamos, Almirante!” brada a chusma,  
“O céu é contra nós, e bem o mostra  
Neste ensejo cruel. Ah! Sim voltemos  
À Espanha, que é de Deus, que é santa e boa!  
Por cem línguas de fogo estão bradando  
O céu e a terra contra nós; voltemos  
Que insistir é chamar do céu mais iras.”<sup>53</sup>

Enquanto os da tripulação assim clamam aterrados, o Almirante no castelo da ré, com a mão no leme e a vista na agulha, tranquilo, eleva o pensamento a Deus e murmura:

“Tanta pompa, meu Deus! Não a mereço!  
Não mereço, Senhor, tanto aparato  
E ter por funeral cena tão grande!”

#### OS NAUTAS

O céu e o mar se abraçam! não há terra!  
As ondas bebem fogo, é tudo flamas!  
Revolta a natureza estampa a fúria

---

<sup>53</sup> Fragmento pertencente ao Canto VI do *Colombo*.

Da cólera celeste! Guai! sacrílego!  
Alvo do céu irado, que a teu seio  
Vai o raio bater, e há de ferir-nos  
Sem culpa, e por um crime teu somente!  
Santo lago, valei-nos!  
[...]  
Como vaga fremente ergue-se a chusma  
E investe contra o herói, hesita e para  
Vendo que firme e impávido a domina;  
E ele, com voz segura, ao mando afeita  
Ordena [e] pronta chusma desenleia  
Dos rizes o velame.<sup>54</sup>

Noutro gênero quereis ver a musa da poesia? É ele que a descreve, dizendo a si mesmo:

Abraça-te co'a poesia<sup>55</sup>, adora a musa,  
A musa da harmonia, a hélia Virgem  
De beleza imortal, em cuja fronte  
Resplende o lume da vidência arcana.  
Ameiga os seus ditames, colhe o nardo  
Que seus lábios destilam, quando falam  
À luz<sup>56</sup> misteriosa, ao sol ardente,  
Ao claro rio, à nuvem fugitiva,  
À selva umbrosa, à cordilheira alpestre,  
À flor do vale, à lacrimosa fonte,  
Ao mar em fúria, ou na bonança alegre,  
Ao vulcão temeroso, ao negro abismo,  
Ao céu ornado de matiz dos astros  
Ao homem transitório e a Deus eterno.<sup>57</sup>

Que propriedade de termos, que suavidade, que mimo! Só Bocage adjetivava assim.

Olhai, como descreve a peregrina beleza de uma mulher em que o espírito das trevas, que lhe revela dos infernos a ciência e os mistérios, se transforma para seduzir Colombo:

---

<sup>54</sup> Fragmentos extraídos também do Canto VI.

<sup>55</sup> Na edição do *Colombo* de 1892 está: "Abraça-te co'a lira"

<sup>56</sup> Na edição do *Colombo* de 1892 está: "À lua"

<sup>57</sup> Estrofe do Canto VII do *Colombo*.

Um desses tipos  
Da suprema beleza, nunca vistos  
No planeta ideal em que reinaram  
Canova e Rafael! era um abismo  
D'amor e sedução! Nela encontrara  
Creso, o avaro, um firmamento de ouro;  
Diógenes um trono, um riso Heráclito;  
Nela vira um Titão recear<sup>58</sup> o Olimpo,  
Homero a luz, e Alexandre um mundo.  
Para o nauta voltada, suspirando  
Vertendo graças indizíveis, chora,  
Seus olhos não destilam sentimentos,  
Nem se dilui sua alma em brandas lágrimas,  
Mas num filtro d'amor que abrasa os peitos,  
E tredo os lança num vulcão de flores,  
Tão belo e sedutor era seu pranto!  
De seus lábios carmíneos entreabertos,  
Botão de rosa entesourando perlas,  
Manava-a essência que embeleza numes;  
Parecia que amor neles tecera  
Seu ninho e trono, e por superno encanto  
Neles pusera, amavioso e louco  
Ímãs de beijos, sorvedouros d'alma!  
Em seu peito celeste refulgiam,  
Em cadente harmonia dous planetas  
Dous tesouros, que mais amor instilam  
Em lábios varonis que nos da infância.<sup>59</sup>

E vai por diante descrevendo-lhe a trança de cabelos, os ademanos,  
o sorriso, o encanto, a volúpia.

Descreve a inveja, de que ele tantas vezes foi vítima, e diz:

Há lá no inferno uma caverna absconsa,  
Em cujo fundo lacrima o crânio  
De Caim fraticida humor ardente:  
Ali em folhas d'empestadas rosas,  
Rosas que ornaram de Locusta<sup>60</sup> a campa,  
Vão demônios colher o tredo suco,  
Base dum filtro que a razão transvia.

---

<sup>58</sup> Na edição do *Colombo* de 1892 está: "raiar".

<sup>59</sup> Fragmentos pertencentes ao Canto X do *Colombo*.

<sup>60</sup> Locusta ou Lucusta, famosa na Roma Antiga, pela sua competência no manuseamento de venenos.

Ai do que o sorve no volver dos olhos,  
No respiro das auras fugitivas,  
Nos deveres da vida, ou nos preceitos  
Do amor e da amizade. Cego, avesso  
Ao lume da verdade, aos santos dogmas,  
Os próprios crimes em furor converte!  
Odeia o lustre que no irmão resplende,  
A glória doutrem seu orgulho ofusca,  
A virtude o molesta, a paz o irrita,  
E só quisera ver o mundo em pranto  
Para ele sorrir n'alma após vertendo  
Dos tredos lábios compaixão fingida!<sup>61</sup>

Vede como desenha o Conde D. Henrique, cujo vulto Colombo julga  
ver na baía de Sagres:

Sobre um trono armilar em pé armado  
Augusto nume com a mão num rosto,  
Majestoso o contemplo  
[...]  
Nobre no gesto e no composto augusto,  
Se eleva a imagem da visão sublime,  
Qual palmeira que abate o louro heroico.  
Na fronte unguida pelo céu rutila  
A dupla auréola do valor e engenho.  
Olhar de semideus, lúcida fonte  
De justiça e bondade, qual nos lábios  
Sempre teve benigno, faces róseas  
Como as da Virgem que sorriu na Armórica<sup>62</sup>  
Ouvindo o amor na apaixonada lira;  
Braço possante, que o venáb'lo e a pena  
No combate e liceu iguais mostrara;  
Peito sacrário de reais virtudes,  
Adornado de um saio em que resplendem  
Em consórcio imortal a cruz e as quinas  
Ostensoras da fé.<sup>63</sup>

Mas basta, que seria um nunca acabar, mesmo citando uma  
parte das inúmeras belezas que resgatam de sobra os defeitos do

---

<sup>61</sup> Fragmento pertencente ao Canto XXV do *Colombo*.

<sup>62</sup> Parte da Gália, hoje Bretanha.

<sup>63</sup> Fragmentos pertencentes ao Canto XXVIII do *Colombo*.

poema *Colombo*. A obra de Porto Alegre conquistou um lugar de honra entre as suas congêneres e, enquanto durar a língua portuguesa, há de ela ser lida por quantos tiverem alma capaz de sentir e de apreciar o que é belo.

## VII

Deixamos o Barão de Santo Ângelo em Lisboa, por onde fez escala para a Alemanha. Aqui entrou ele em junho de 1859 e demorou-se até princípio de abril de 1860. Nestes nove meses viu Mafra, visitou o Convento da Batalha, percorreu algumas das nossas províncias e, em Lisboa, examinou arquivos, museus, bibliotecas, tudo quanto podia convir ou satisfazer a curiosidade de um ilustrado observador.

Pouco tempo se demorou no Consulado de Berlim, porque em 1863 sabemo-lo já em Dresde, na Saxónia, onde preparou para a estampa o volume de *Brasilianas*, coleção de poemetos e cantos que, já em parte, se tinham publicado na *Minerva Brasiliense*<sup>64</sup> e que agora recebiam a última lima. Em 1867 foi nomeado em comissão do seu governo para assistir à Exposição Universal de Paris e nesse mesmo ano foi nomeado Cônsul Geral para Lisboa.

A História corre rápida e a vida com ela. Ainda voltou ao Brasil em 1873 e aí se demorou três meses. Parecia uma despedida. Adivinharia ele que o não tornaria a ver?

Também voltou ao estrangeiro para tratar da sua saúde e foi no estrangeiro, no caminho de Roma para Florença, em 1877, que ele teve o primeiro ataque de congestão cerebral. Recolhendo a Lisboa, pouco depois teve o segundo, e tão forte desta vez que ficou paralisado do lado direito e perdeu a fala, que nunca mais recuperou. Meio morto ou antes sentindo-se morrer, assim viveu dois anos e quatro meses, até que em 30 de dezembro de 1879 entregou o espírito ao Criador.

Já conheceis a índole do lutador que acaba de cair na arena. Quereis acabar de o avaliar? As cartas, em que entornamos a alma e que escrevemos sem ideia de que vejam a luz pública, são a fotografia moral de quem as escreve.

---

<sup>64</sup> No *Almanaque*, por gralha "Minerva Brasileira", quando de fato se trata da *Minerva Brasiliense*, *Jornal de Ciências, Letras e Artes*, publicado no Rio de Janeiro de 1843 a 1845.

Há dias o nosso bom amigo, Monsenhor Pinto de Campos<sup>65</sup>, fazendo-nos o elogio do Barão de Santo Ângelo, leu-nos algumas das cartas que tinha dele e que hoje damos à estampa, pela permissão que tivemos de as publicar. Ei-las:

Lisboa, 25 de março de 1876 – Meu bom Monsenhor.

Aqui estou, esperando e sofrendo como mereço. Se o meu espírito não andasse tão preocupado com a redação das minhas memórias, com o seu engraxamento e lustre de escovadelas, teria já tido alguma recaída forte. Estas memórias hão de ser lidas, porque são verdadeiras, muito variadas, e pintarão muita gente cujas fisionomias se perderiam. Eis o que me salva.

Eu não posso viver sem este emprego e o futuro o mostrará! Passaram-me pelas mãos centos de contos e Deus me ajudou sempre a conservá-las limpas. Desejo morrer sem remorsos, porque seria um exemplo funesto e uma lição ominosa para a mocidade.

A rapidez do mal e a lentidão da sua reparação justificam a queda do homem pelo orgulho. Rafael mentiu dando asas à justiça. As asas da posteridade são um escárnio. Antes que cheguem, já Deus as tinha dado ao mísero sofredor.

Estou contrabalançando os temores do futuro com as saudades do passado; estou exemplificando e assim animando a mocidade; estou edificando em terreno sólido e recalçado.

Se a minha mão pesar uma ou outra vez sobre alguns homens que venderam farinha podre em cartuxos de papel dourado; se ela arrancar os resplendores de casquinha e ouropel de muitos canonizados pela igreja dos corrilhos; se alguns filhos e netos gemerem, tenham paciência e fujam de imitar seus avós e de abaixar a cabeça diante dos que desprezam. Os Olimpos de papelão amolecem-se e abatem-se com as chuvas do céu. O homem que pode dizer duas verdades peca se as não diz. O mal só diminui quando há protestos.

Hei de mostrar que não fui um homem inútil e que trabalhei bastante para o meu país, porque carreguei bastantes pedras, e gratuitamente, para o alicerce de muita coisa boa que aí existe. Se não repiquei sinos e atirei foguetes, foi porque nunca tive alma de taberneiro.

---

<sup>65</sup> Joaquim Pinto de Campos (Pernambuco, 1819-Lisboa, 1887), sacerdote, escritor e político.

Chateaubriand disse e provou que, na véspera das grandes catástrofes, sempre aparece um padre que ora e um poeta que canta. O padre e o poeta são mandados por Deus, porque não consultam o código do egoísmo.

Porque quer V. Exa. fugir e retirar-se do mundo? Porque tem razão para isso. Retire-se e escreva; alguns hão de ter medo. A fotografia histórica não faz caricaturas. Deixe-os galhofar, que a consciência é séria.

Seu do coração  
Barão de Santo Ângelo.

Lisboa, 4 de maio de 1876. – Meu prezado Monsenhor e amigo

Deixe-os galrar, perdem o seu tempo. O seu livro a Jerusalém<sup>66</sup> está julgado e já tomou assento e posse. Fez bem em publicar a carta de Pio IX, juiz insuspeito. Está pago, e pela mão mais competente do mundo.

Os diplomas de capacidade que os homens laboriosos passam a si próprios, com o suor do seu rosto, selados pela fé duma robusta inteligência, não se rasgam; e tudo o que vai ter a Deus sobe e fica suspenso em regiões imaculadas.

Deixe-os grunhir, afiar os colmilhos, investir e errar de um para outro lado: o porco não olha para o céu. As igrejas abrem-se à hora em que se dorme nos lupanares.

O que está sucedendo em Lourdes, no seio da França, entre testemunhas vivas, é prova de que Deus ainda não nos quer abandonar.

Aqui já houve dois milagres que têm posto os pobres médicos em torturas, e os espíritos fortes em maior molho de trevas. Pobre ciência humana.

Seu obrig.<sup>mo</sup> do coração  
Santo Ângelo

Lisboa, 6 de junho de 1886. – Meu caro Monsenhor.

Estou de luto e lágrimas no coração.

No dia 30 lhe escrevia eu, dando-lhe parte que aqui falara com o nosso Inhomérim<sup>67</sup>; e hoje está ele enterrado!

---

<sup>66</sup> Obra editada em Lisboa, pela Imprensa Nacional em 1874 cujo prefácio é assinado por António Feliciano de Castilho seu amigo e confrade.

<sup>67</sup> Nota do almanaque: “Inhomérim era o Conselheiro Francisco de Sales Torres Homem.”

Chegou a Paris sábado à noite e no domingo, ao meio-dia, faleceu repentinamente, longe da família, num quarto do grande hotel, e talvez sem um amigo.

Vi-o de fisionomia cansada e com riso de sofrimento. Disse-me que passara as noites desde São Vicente até aqui sem dormir!

Achei-o muito desejoso da família e avalei o seu estado pelo seu ar, falar e modo de despedir-se.

De há muito me escrevia ele: «Estou aborrecido da vida, tomara já morrer». Perdi um amigo, um irmão e um protetor. Ele me dissipou aflições e foi sempre a sentinela da minha vida social.

Achei-o no mundo em 1827 e nunca mais o deixei. Éramos três íntimos; agora somos dois.

Recebi este golpe profundo com a resignação de quem crê em Deus e sabe o que é a vida.

Que semana foi a passada para mim! Perdi em Florença um neto adorado e em Paris um pai extremoso. Depois de ter chorado de saudades e de ver a sublime eloquência de uma mãe, passei logo ao pranto da alma, que nunca mais há de cessar.

O menino bateu as asas, deixou o lar doméstico semeado de perfumes e saudades. O homem gemeu, calou-se e desceu à cova: um era da família, o outro da pátria.

Nos pais sofremos uma amputação no íntimo passado, nos filhos outra que é no futuro, e nos amigos tudo, porque são pais, são filhos, são âncoras da vida e esperança. Eu sei o que perdi.

Apenas terminei o telegrama, voltei-me para a imagem de Cristo e prostrei-me; vi tudo em pó, vi tudo escuro, e ele só suspenso, luminoso, tocando com a fronte o infinito dos céus e com os braços abraçando o espaço e o tempo. Ando pronto e cheio de fé, que é a salvação.

O coração do nosso amigo, se não tivesse filhos, não estalaria tão depressa. Sofreu muito, muito, muito.

Todos aqui ficam orando pelo seu querido benfeitor; e sábado irão à igreja.

Adeus até outra vez.

Seu amigo e obrigado do  
coração  
Barão de Santo Ângelo

O Barão de Santo Ângelo era grande dignitário da Ordem da Rosa, tinha a Cruz de Ferro da Áustria, era Comendador de número da Ordem de Carlos III de Espanha, pertencia a diferentes sociedades, era membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e correspondente da Academia Real das Ciências de

Lisboa, mas não era isto que o nobilitava. Era fidalgo pela alma.

Descansa, honradíssimo caráter; marido, pai e amigo exemplar; patriota como os mais firmes; campeão estrênuo de tudo quanto era grande, nobre e justo.

**A. X. Rodrigues Cordeiro**

Recebido em 23.09.2018

Aprovado em 12.11.2018